

O "CALCANHAR DE AQUILES" DO PONTIFICADO DE FRANCISCO - POR CATARINA MARIA DE ALMEIDA

“Un café con Galat” é assim que se chama o programa da TV Telemiga, emissora de orientação católica de Bogotá, que está dando dores de cabeça ao episcopado colombiano. O programa leva o nome de seu apresentador, José Galat, acadêmico e presidente de um canal televisivo.

Galat também é diretor da Universidade La Gran Colombia e resolveu se colocar na contramão do pontificado de Francisco.

Galat alega que o Papa argentino não teria sido legitimamente eleito e que favoreceria abertamente a heresia na Igreja Católica. Até aí, nenhuma novidade.

Acontece que a Conferência Episcopal Colombiana emitiu um “Comunicado” em que afirma que, ao rechaçar a sua sujeição ao Papa e ao ferir gravemente a comunhão da Igreja, incorre-se em um cisma, e solicita “àqueles que participam em outros espaços do canal, ainda que com a intenção de servir à evangelização, a deixar esta colaboração” e exorta aos “sacerdotes e religiosos que deixem todo tipo de apoio a este canal”. Além disso, proíbe a transmissão da Santa Missa pela emissora e pede que os fiéis deixem de assisti-la.

Como se isso não bastasse, Mons. Pedro Mercado Cepeda, Vigário Judicial da Arquidiocese de Bogotá e Presidente do Tribunal Eclesiástico, tirando as consequências da declaração dos bispos, afirmou à agência de notícias Aciprensa que, “com sua irada resposta ao episcopado e seu contumaz rechaço ao Papa Francisco, o Dr. José Galat se colocou fora da comunhão da Igreja Católica”, estando, portanto, “excomungado”, não devendo “ser admitido aos sacramentos até dar mostras claras de arrependimento”.

Diante de uma reação tão clamorosa, cabem algumas considerações.

Por que os bispos nunca defenderam os papas anteriores, Bento XVI, João Paulo II e, inclusive, Paulo VI?

Nunca se viu uma Conferência Episcopal tomar medidas tão drásticas contra um canal de televisão ou mesmo contra um teólogo, quando o assunto foi obediência ao Sucessor de Pedro. No Brasil, Leonardo Boff sempre foi o queridinho dos bispos. Quem esquecerá a rebelião promovida por episcopados inteiros (como ignorar a infame declaração de Winnipeg da Conferência Episcopal do Canadá?) contra Paulo VI, por causa da *Humanae Vitae*, ou as críticas ásperas de Bernhard Häring ou do Cardeal Martini a João Paulo II e a Bento XVI no final de suas vidas? Algum episcopado se manifestou? Nenhum!

Os que outrora criticaram abertamente os papas anteriores agora são bajulados pelos defensores de Francisco e, inclusive, por ele mesmo.

Na 36a. Congregação Geral da Companhia de Jesus, o primeiro Papa jesuíta elogiou rasgadamente Bernhard Häring, como bem documenta a revista *La Civiltà Cattolica*. Em seu primeiro Angelus, ele também louvou publicamente o Cardeal Kasper, grande articulador de sua eleição e seu estreito colaborador em *Amoris Laetitia*. Kasper que, outrora, desafiava escancaradamente a autoridade de João Paulo II e do então Cardeal Ratzinger ao criticar de maneira contundente a declaração *Dominus Iesus*.

Francisco também não economizou elogios ao maior antagonista de João Paulo II e Bento XVI, o Cardeal Carlo Maria Martini, arcebispo emérito de Milão, seu confrade jesuíta. Ultimamente, circulam rumores de que Francisco teria convocado Leonardo Boff, um de seus colaboradores em *Laudato Si*, para reparar as “injustiças” que o então Cardeal Joseph Ratzinger teria cometido contra ele. Parece que atacar o Papa não é algo tão reprovável assim, desde que o atacado não seja Francisco.

Aqueles que defenderam os papas anteriores e por eles perderam a fama, a honra, o prestígio, os bens, agora são considerados cismáticos pelo simples fato de criticarem os críticos daqueles mesmos papas, mas que, agora, estão no controle da Sé Apostólica.

Como já é tradição, os progressistas pregam a libertação e a fraternidade como desculpa para perseguirem todos os seus opositores, praticando uma misericórdia seletiva, que exclui decididamente qualquer um que ouse pensar

diferentemente deles. Em tempos nos quais os adúlteros são admitidos publicamente à comunhão eucarística numa cerimônia realizada exclusivamente para isso, o diretor de uma TV católica é excluído dos sacramentos por questionar Francisco. Em outras palavras, Papa Francisco seria mais importante que Cristo Eucarístico! Estaríamos diante de uma idolatria?

Toda a doutrina católica pode ruir. Parece que o único dogma existente na Igreja de hoje é não contrariar o Papa Bergoglio!

Mas, resta uma pergunta: por que uma reação tão desproporcional? A resposta parece estar no fato de que Galat tocou no tema tabu, naquele sobre o qual ninguém pode falar nada: a eleição de Francisco.

Deixando de lado a estranha renúncia de um papa que não renunciou ao título, à batina branca, ao nome, à residência no Vaticano, que afirmou que renunciava apenas ao "exercício ativo do ministério" (afirmação tão misteriosa que talvez nem ele mesmo tenha entendido), cujo secretário afirmou que "há um ministério expandido" e Bento continua a ser papa reinante simultaneamente com o outro, e tudo em circunstâncias enigmáticas em que parecem ter intervindo poderes extraeclesiais, fixemos nossa atenção brevemente na eleição de Francisco.

Na biografia autorizada de Papa Bergoglio, a jornalista argentina Elisabetta Piqué conta que ele foi eleito no quinto escrutínio do dia 13 de março de 2013, pois o quarto escrutínio do dia teria sido anulado (visto que, na contagem dos votos, havia uma cédula em branco a mais, que algum dos eleitores teria colocado por engano) e os cardeais teriam realizado imediatamente uma nova eleição (a quinta do dia, a terceira daquela tarde).

Acontece que a Constituição Universi Dominici Gregis, que regula o Conclave, estabelece que "se porventura, no apuramento dos votos, os escrutinadores encontrarem duas fichas dobradas de maneira tal que pareçam preenchidas por um único eleitor, e se em ambas figura o mesmo nome, elas contam por um único voto; se, pelo contrário, nelas figuram dois nomes diferentes, nenhum dos dois votos será válido; em nenhum dos casos, porém, será anulada a votação" (n. 69).

Ali se estabelece, também, que no primeiro dia do Conclave "haverá um só escrutínio; nos dias sucessivos, se a eleição não se fizer no primeiro escrutínio, deverá haver duas votações, tanto da parte da manhã como da tarde" (n. 63). O quinto escrutínio seria, então... ilegal?

Essas normas não são sem importância, pois, como afirma categoricamente o mesmo documento, "no caso de a eleição ser feita de uma forma diversa daquela prescrita na presente Constituição ou sem terem sido observadas as condições aqui estabelecidas, tal eleição é por isso mesmo nula e inválida, sem necessidade de qualquer declaração, e, portanto, não confere direito algum à pessoa eleita" (n. 76). Em seu livro *Non é Francesco*, Antonio Socci comenta longamente o problema.

Nem falemos sobre a máfia de St. Gallen, o grupo de cardeais que fez um bloco de resistência a Bento XVI e desde 2005 trabalhava pela eleição de Bergoglio, cuja chefia orgulhosamente foi confessada em plena televisão pelo Cardeal Danneels, da Bélgica.

Renúncia misteriosa, conclave irregular?... Por que tanto medo à crítica? Por que um silenciamento tão enérgico? Essa demonstração de força pode revelar, no fundo, uma fraqueza. Não seria esse o ponto fraco deste pontificado: a legitimidade? Talvez, José Galat nem sonhe com quem está mexendo...

Fato é que a verdade tende a aparecer. Pouco serve esconder o defunto no fundo do rio: numa bela manhã, o cadáver aparece.

(Por Catarina Maria B. de Almeida - Frates In Unum)